

restante espaço da casa e anexo localiza-se a zona de dormir e casas de banho.

No piso térreo, o tecto em gesso pintado a branco é interrompido pela presença da pedra que se manteve e que corresponde ao pavimento da cozinha no piso superior. Nesta zona, onde se encontram os quartos, a cota do pavimento interior é sempre inferior à do exterior e a soleira das portas de acesso para o pátio são também pequenos bancos. Esta “parte inferior da casa seria de armazéns ligados ao campo e aos animais. A casa era muito pequena, só acontecia no piso de cima. Esta casa, para Távora, foi um projecto muito rápido na cabeça dele. Ele apareceu logo com os desenhos e depois era uma questão de trabalhar, perceber e desenvolver mais, encontrar a escala certa, mas os princípios já lá estavam. Távora quando encontrava os princípios o projecto estava estabilizado, não mexia muito mais, porque aquilo tinha sido pensado com alguma intensidade e depois fazia sentido.”¹⁵⁸

“O primeiro exercício era perceber qual era a lógica, qual era a qualidade dos espaços, o que é que era fundamental e o que é que se podia acrescentar, tendo em conta que isto já não iria funcionar para animais. Seria para uma família, uma casa sazonal de férias, em que era preciso haver sempre um compromisso entre o que era a casa e o que se pedia.”¹⁵⁹

Do primeiro núcleo, além da moradia principal e do anexo, fazem ainda parte um jardim elevado, sensivelmente à cota da cumeeira do telhado e a garagem onde anteriormente existia uma corte de menores dimensões com uma cerca onde se guardava o gado. No segundo núcleo encontra-se, o conjunto da eira no qual Fernando Távora criou um edifício completamente auto-suficiente uma sala com mezanino que serve de quarto, uma cozinha com acesso directo à eira e uma cama de banho. Os espaços interiores do anexo, do primeiro núcleo, e conjunto da eira assemelham-se muito, “cria-se um espaço muito interessante, com uma casa de banho, um arrumo, uma escada e que resulta num espaço muito informal. No fundo, é uma espécie de *suite* independente (...).”¹⁶⁰ Nestes espaços, pelo facto da altura livre ser muito baixa, Távora optou por articular os espaços em áreas mais amplas, com uma escala maior, que transmitissem mais conforto. Este efeito foi conseguido através de um *pé-direito* que abrange os dois pisos nas zonas de entrada.

¹⁵⁸ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.188)

¹⁵⁹ *Ibidem* (em anexo p.187)

¹⁶⁰ *Ibidem* (em anexo p.184)



97



98



99

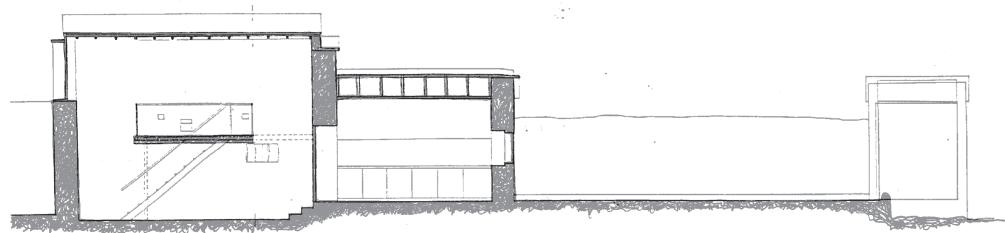


100

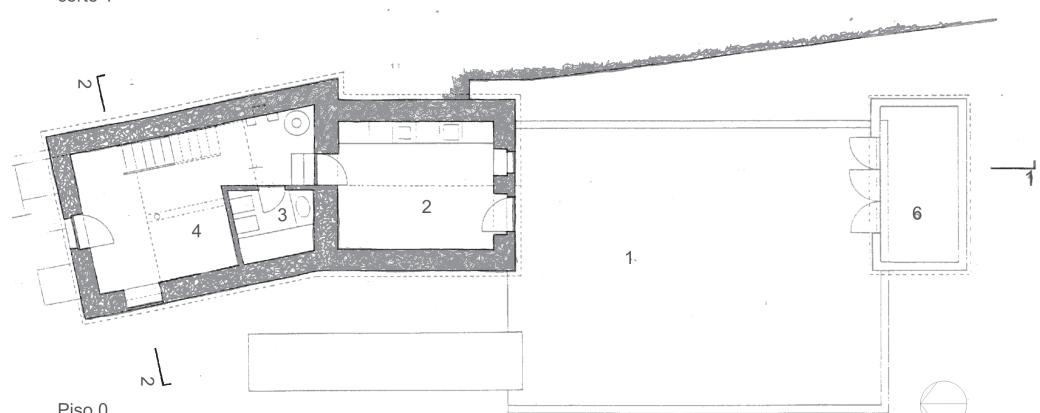


101

105

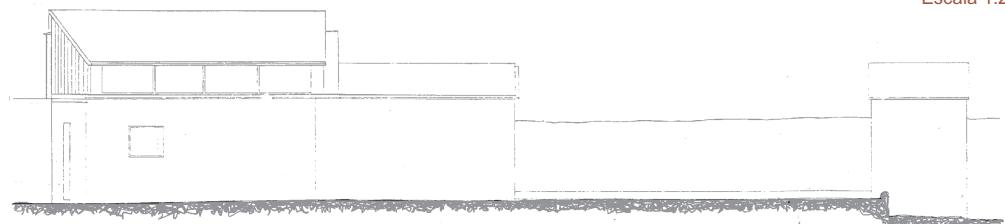


corte 1



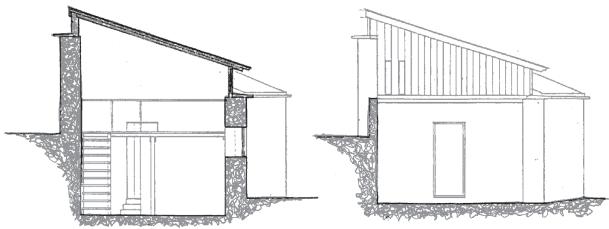
Piso 0

Escala 1:200



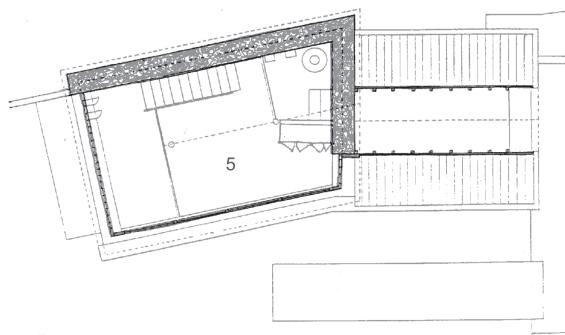
alçado Poente

102



corte 2

alçado Norte



Piso 1

Escala 1:200

Piso 0 e 1

- 1 eira
- 2 cozinha
- 3 quarto de banho
- 4 quarto
- 5 sala
- 6 arrumos [não construído]



Os dois espigueiros existentes, pertencentes a este segundo núcleo, foram construídos com estrutura em granito e cobertura de duas águas, prática muito comum no Minho à semelhança da Galiza, no entanto possuem algumas diferenças entre si.

O espigueiro que se localiza numa cota seis metros inferior à casa é uma tipologia agrícola mais comum de se encontrar a Norte do Douro. Datado de 1884, data gravada na própria pedra, possui três pares de pés encimados por rótulas que se interpõem entre estes e a base de forma a impedir a subida de ratos e outros roedores. Os topos são formados por frontões em granito que sobressaem da cobertura em telha, sendo este um “processo usado para se conseguir a consolidação [da estrutura]. Com o seu peso e com o auxílio das espessas traves da base, a que se vêm juntar os prumos e a armação do telhado forma-se um sistema estruturado”¹⁶¹, muito sólido.

Na recuperação, Távora repõe o ripado que existia anteriormente, com uma porta num dos topos, rematado em cada alçado lateral com uma viga em madeira. Estas vigas apoiam-se na estrutura em pedra e em conjunto com as traves encastradas na própria viga, sustêm o telhado.

O espigueiro mais próximo da eira não teve qualquer intervenção. Segundo os proprietários da casa, foi-lhe atribuída a nova função de aparador das refeições no exterior. Este é formado por uma laje quadrangular que serve simultaneamente de base e, pelo facto de ser convexa no limite a toda a volta e avançar alguns centímetros para além do suporte, anula a necessidade das rótulas. Aqui, a alvenaria percebe-se mais refinada, não só pela cobertura formada por duas lajes contínuas e cumeeira em pedra, mas ainda pelas cornijas que sobressaem da linearidade da construção e pelos entalhes da viga, onde encaixam as traves também em pedra e as ripas de madeira, actualmente inexistentes, que encerrariam a estrutura.



¹⁶¹ TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4^a ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.62



108

109